

RICARDO PIGLIA

RESPIRAÇÃO ARTIFICIAL

Tradução
Heloisa Jahn



Copyright © 1980 by Ricardo Piglia
c/o Guillermo Schalvezon & Assoc., Agencia Literaria

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Respiración artificial

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Maria Cecília Caropreso

Revisão

Marcelo D. de Brito Riqueti
Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Piglia, Ricardo

Respiração artificial / Ricardo Piglia ; tradução Heloisa Jahn.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Respiración artificial

ISBN 978-85-359-1594-5

1. Argentina — História — 1955-1983 — Ficção 2. Ficção
argentina 3. Ficção política 4. Pessoas desaparecidas — Argentina
— Ficção 1. Título.

09-13016

CDD-ar863.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : literatura argentina ar863.4

2010

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

Se eu mesmo fosse o inverno sombrio 9

SEGUNDA PARTE

Descartes 91

Sobre o autor 199

Primeira Parte

SE EU MESMO FOSSE O INVERNO SOMBRI

*We had the experience but missed the meaning,
and approach to the meaning restores the experience.*

T. S. Eliot

1

Dá uma história? Se dá, começa há três anos. Em abril de 1976, quando é publicado meu primeiro livro, ele me manda uma carta. Com a carta vem uma foto, eu no colo dele: nu, estou sorrindo, tenho três meses e pareço um sapinho. Ele, em compensação, está muito bem na fotografia: paletó cruzado, chapéu de aba fina, o sorriso franco — um homem de trinta anos que olha o mundo de frente. Ao fundo, apagada e quase fora de foco, aparece minha mãe, tão jovem que no início quase não a reconheci.

A foto é de 1941; atrás ele escrevera a data e depois, como se quisesse me orientar, copiou as duas linhas do poema inglês que agora serve de epígrafe a este relato.

Não houve nenhuma outra tragédia na história de minha família; nenhum outro herói digno de ser lembrado. Várias versões circulavam secretamente, confusas, conjecturais. Casado com uma mulher de posses, uma mulher com o nome incrível de Esperancita e a respeito de quem se dizia que tinha um coração frágil e que sempre dormia de luz acesa e que nas horas de melancolia rezava em voz alta para que Deus pudesse ouvi-la, o irmão de minha mãe desaparecera seis meses depois do casamento, levando todo o dinheiro da senhora sua esposa, para se juntar com uma bailarina de cabaré conhecida pelo nome de Coca. Com perfeita calma, sem perder a cortesia gélida, Esperancita denunciou o roubo e moveu influências até conseguir que a polícia o encontrasse, alguns meses depois, vivendo luxuosamente, sob nome falso, num hotel de Río Hondo.

Lembro-me dos recortes de jornal em que se falava do caso, escondidos numa gaveta mais ou menos secreta do roupeiro, a mesma onde meu pai guardava a *Fisiologia das paixões e mecânica sexual*, do professor T. E. Van de Velde, autor de *O casamento perfeito*, e o livro de Engels sobre a *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, juntamente com cartas, papéis e documentos diversos, entre os quais minha própria certidão de nascimento. Depois de complicadas operações que ocupavam as sestas de minha infância, eu abria a gaveta e espiava em segredo os segredos daquele homem de quem todos na casa falavam em voz baixa. “*Convicto e confesso*”, dizia (lembro-me) uma das manchetes, e esse título sempre me emocionava, como se aludisse a ações heroicas e um pouco desesperadas. “*Convicto e confesso*”: eu repetia e me exaltava, porque não entendia bem o significado das palavras e achava que *convicto* queria dizer invencível.

O irmão de minha mãe ficou quase três anos preso. A partir daí pouco se sabe sobre ele; nesse momento começam as conjecturas, as histórias imaginadas e tristes sobre seu destino e sua vida extravagante; parece que não quis mais saber da família, que não quis ver ninguém, como se estivesse se vingando de uma ofensa sofrida. Uma tarde, porém, Coca fora a nossa casa. Orgulhosa e distante, levava parte do dinheiro e a promessa de que tudo seria devolvido. Conheço as interpretações, os relatos do encontro, e sei que Esperancita chamava de *minha filha* aquela mulher que quase tinha idade para ser sua mãe, e que Coca usava um perfume que minha mãe jamais conseguiu esquecer. “Vocês”, dizem que ela disse antes de ir-se, “nunca vão saber que tipo de homem é Marcelo”, e quando o relato chegava a esse ponto, fatalmente e quase sem perceber, eu me lembava da frase histórica de Hipólito Yrigoyen sobre Alvear depois do golpe de 1930, estranha associação, motivada também pelo fato de que Esperancita era meio parente do general Uriburu.

A partir daí e durante três anos Esperancita recebeu um cheque a cada dois meses, até saldar-se a dívida. São dessa época minhas primeiras lembranças dela, ou melhor, uma imagem que sempre pensei ser minha primeira lembrança dela: uma

mulher belíssima, frágil, com uma expressão de arrogância e fastio no rosto, que se inclina para mim enquanto minha mãe me diz: “E então, Emilio, o que é que se diz para a tia Esperancita?”. Eu dizia: “Obrigado”, a ela mais do que a qualquer outra pessoa. Símbolo do remorso familiar, ela era uma espécie de objeto raro e excessivamente fino que fazia com que todos nos sentíssemos sem graça, desajeitados. Lembro-me de que sempre que ela nos visitava minha mãe usava a louça de porcelana e umas toalhas engomadas que rangiam como se fossem de papel. E ela nunca deixou de ir a nossa casa visitar-nos uma ou duas vezes por mês, em geral aos domingos ou às quintas-feiras, até morrer.

O irmão de minha mãe não chegou a tomar conhecimento de sua morte. Sumido, sem deixar vestígios, em determinadas versões dizia-se que continuava preso e em outras que estava vivendo na Colômbia, sempre com Coca. O que se sabe é que ele jamais ficou sabendo que ela morrera, jamais ficou sabendo que quando Esperancita morreu encontraram uma carta dirigida a ele onde ela confessava que era tudo mentira, que nunca fora roubada, e falava da justiça e do castigo mas também do amor, coisa esquisita sendo ela quem era.

O ar faulkneriano dessa história não podia deixar de me atrair: o jovem de futuro brilhante, recém-formado em direito, que larga tudo e desaparece; o ódio da mulher, que inventa um desfalque e o manda para a cadeia sem que ele se defenda ou se dê ao trabalho de esclarecer o engano. No fim, eu escrevera um romance com a história, usando o tom de *As palmeiras selvagens*, ou melhor: usando os tons que Faulkner adquire quando traduzido por Borges, com o quê, sem querer, o relato ficou parecendo uma versão mais ou menos paródica de Onetti. *Nenhum de nós, que lá estivéramos na noite em que finalmente se entreviu, na penumbra entristecida que sucedeu a tarde do enterro, o segredo daquela vingança cultivada durante anos, nenhum de nós pôde deixar de pensar que assistia à forma mais perfeita de amor que um homem pode dedicar a uma mulher; pacto piedoso do qual parece difícil prever o caráter ou as consequências dos ferimentos infligidos, mas não*

a intenção e a desejada bem-aventurança. O romance começava assim e assim prosseguia por duzentas páginas.

Para evitar o costumbrismo e o estilo oral que faziam estragos nas letras nacionais, eu (pode-se dizer) entrara pelo cano. Ainda se encontram alguns exemplares do romance nas bancas de saldos das livrarias da Corrientes, e hoje a única coisa de que gosto no livro é o título (*A prolixidade do real*) e o efeito que ele produziu no homem a quem, sem querer, era dedicado.

Estranho efeito, é preciso que se diga. O romance saiu em abril. Pouco depois recebi a primeira carta.

Primeiras retificações, aulas práticas (*dizia a carta*). Ninguém jamais fez boa literatura com histórias de família. Regra de ouro para os escritores debutantes: quando a imaginação fraqueja, é preciso ser fiel aos detalhes. Os detalhes: a safada da minha primeira mulher, boquinha franzida, veias visíveis por baixo da pele translúcida. Péssimo sinal: pele transparente, mulher enganadora, só me dei conta tarde demais. Outra coisa: quem lhes falou de minha viagem à Colômbia? Tenho minhas suspeitas. Quanto a mim: perdi os escrúpulos no que diz respeito a minha vida, mas suponho que devam existir outros temas mais instrutivos. Por exemplo: as invasões inglesas; Pophan, um cavaleiro irlandês a serviço da rainha. *Let not the land once proud of him insult him now.* O comodoro Pophan enfeitiçado pela prata do Alto Peru, ou os camponeses fugin- do espavoridos pelas chácaras de Perdriel. Primeira derrota das armas da pátria. É preciso fazer a história das derrotas. Ninguém deve mentir na hora da morte. Tudo é apócrifo, meu filho. Enfiei a mão em toda a prata do Alto Peru, e se ela disser que não, é porque está tentando me despojar do único ato digno de minha vida. Só os que têm dinheiro desprezam-no ou confundem-no com maus sentimentos. Um milhão seiscentos e pouco, em pesos de 1942, resultado de heranças várias e da venda de umas terras em Bolívar (terras que a fiz vender com santa intenção, como ela bem censura, embora não tenha sido eu o

responsável pela morte dos parentes de quem era herdeira). Eu ia abrir uma boate na esquina da Cangallo com a Rodríguez Peña, mas me encontraram antes. (De onde é que tiraram essa história de Río Hondo?) Devolvi o dinheiro e os juros: é verdade de que Coca foi à casa de vocês e que sua mãe quase teve uma síncope. Ninguém conta que ela disse: Vá se foder, na primeira vez que Esperancita a chamou de minha filha, e que tiveram que dar-lhe saís. Se estive preso e se saí nos jornais é porque sou radical, homem de don Amadeo Sabattini, e naquela época queriam dar um jeito em nós todos porque estavam chegando as eleições de 1943, que mais tarde resultariam no golpe de Rawson (tampouco lhe contaram essa história?). Nós, radicais, estávamos desorientados, sem os ímpetos das épocas heroicas, em que defendíamos a honra nacional a tiros e morríamos pela Causa. Quer dizer que no testamento ela me perdoa? Você não vê que é doida, que sempre cagou em pé, pelo que me consta, porque alguém lhe disse que era mais elegante? Antes de morrer vai e diz que não a roubei. Veja como é misteriosa a oligarquia; são essas as filhas que engendra. Gráceis, ilusórias, inevitavelmente derrotadas. Não se deve permitir que alterem nosso passado. *Fazei com que o país antes orgulhoso dele não o insulte agora*, dizia Pophan. Coca estabeleceu-se por conta própria no Uruguai, no departamento de Salto. Às vezes tenho notícias dela, e se vim viver neste lugar foi para estar perto daquela mulher, para tê-la do outro lado do rio. Não se digna receber-me porque é altiva e trivial, porque está velha. Levanto-me ao nascer do sol; a essa hora ainda se vê a luz dos postes, na outra margem. Leciono história argentina no Colégio Nacional e de noite vou jogar xadrez no Clube Social. Tem um polonês que é um craque, costumava jogar com o príncipe Alekhine e com James Joyce em Zurique, e uma das coisas que desejo na vida é empatar uma partida com ele. Quando está bêbado, canta e fala em polonês; anota seus pensamentos num caderno e se diz discípulo de Wittgenstein. Dei seu romance para ele ler; leu-o com atenção, sem desconfiar que o indivíduo de quem se contam sujos sonhos sou eu mesmo. Prometeu escrever uma rese-

nha no *El Telégrafo*, jornal local. Já publicou várias notas sobre xadrez e também alguns trechos do caderno onde registra suas ideias. Seu sonho é escrever um livro inteiramente composto de citações. Seu romance não é muito diferente disso, escrito a partir dos relatos familiares; às vezes tenho a sensação de estar ouvindo a voz de sua mãe; o fato de você ter sabido disfarçá-la com aquele estilo enfático não deixa de ser, também, uma prova de delicadeza. As distorções, em todo caso, resultam disso. Quero lhe pedir, por outro lado, máxima discrição no que diz respeito a minha situação atual. *Discrição máxima*. Tenho minhas suspeitas: nisso sou como todo mundo. Seja como for, vou avisando que atualmente não tenho vida privada. Sou um ex-advogado que leciona história argentina para jovens sem fé, filhos de comerciantes e de granjeiros locais. Esse trabalho é saudável: nada como estar em contato com a juventude para aprender a envelhecer. É preciso evitar a introspeção, é o que recomendo a meus jovens alunos, e ensino-lhes o que denominei *olhar histórico*. Somos uma folha que boia nesse rio e é preciso saber olhar o que acontece como se já tivesse acontecido. Jamais haverá um Proust entre os historiadores, e isso me alivia e deveria servir-lhe de lição. Por enquanto você pode me escrever para o Clube Social, Concordia, Entre Ríos. Saudações: professor Marcelo Maggi Popan. Educador. Radical sabattinista. Cavaleiro irlandês a serviço da rainha. O homem que em vida amava Parnell, você leu? Era um homem arrogante, mas falava doze idiomas. Propôs-se um único problema: como narrar os fatos reais?

P.S.: Claro que temos de conversar. Há outras versões que você precisa conhecer. Espero que venha me visitar. Quase já não me mexo, engordei demais. A história é o único lugar onde consigo descansar desse pesadelo de que tento acordar.

Essa foi a primeira carta, e é assim que começa de fato esta história.

Quase um ano depois eu avançava na direção dele, morto de sono, no vagão desmantelado de um trem que seguia viagem para o Paraguai. Uns caras que jogavam baralho em cima de uma mala de papelão me ofereceram genebra. Para mim era como avançar em direção ao passado, e ao término daquela viagem entendi até que ponto Maggi previra tudo. Mas isso foi depois, quando tudo terminou; antes recebi a carta e a fotografia e começamos a nos escrever.

2

Alguém, um crítico russo, o crítico russo Iuri Tinianov, afirma que a literatura evolui de tio para sobrinho (e não de pais para filhos). Expressão enigmática que por enquanto nos convém, já que é o melhor resumo que conheço para a carta que você me mandou.

De minha parte, nenhum interesse pela política. O que me interessa em Yrigoyen é o *estilo*. O barroco radical. Como é que ninguém entendeu que em seus discursos nasce o texto de Macedonio Fernández? Tampouco partilho de sua paixão histórica. Depois da descoberta da América não aconteceu mais nada nestes lares que mereça a mais mínima atenção. Nascimentos, necrológios e desfiles militares: só isso. A história argentina é o monólogo alucinado, interminável, do sargento Cabral no momento de sua morte, transscrito por Roberto Arlt.

Muito bem: vamos construir em dueto a grande saga familiar? Vamos contar de novo a história toda um para o outro? Por enquanto, anexo o seguinte resumo.

Afirmava-se a seu respeito:

1. Que você havia cortejado Esperancita ao ficar sabendo que ela era bisneta de Enrique Ossorio, porque estava interessado numa caixa onde se guardavam os documentos da família.

2. Que na verdade o que realmente lhe interessava eram os tais papéis, mas que uma coisa não ia sem a outra.